

Série Vaga-Lume



MORTE NO COLÉGIO

Luis Eduardo Matta

Ilustrações
*Fábio Moon e
Gabriel Bá*

ea

editora ática

Morte no colégio

© Luis Eduardo Matta, 2006

representado por AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda.

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Gabriela Dias
Editor assistente	Emílio Satoshi Hamaya
Apoio	Kelly Mayumi Ishida
Preparador	Agnaldo Holanda
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Alessandra Miranda de Sá Cátia de Almeida Luicy Caetano

ARTE

Editora	Cintia Maria da Silva
Editoração eletrônica	Studio 3
Estagiária	Beatriz Moreira Berto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M385m

Matta, Luis Eduardo, 1974-

Morte no colégio / Luis Eduardo Matta ; ilustrações
Fábio Moon e Gabriel Bá. - São Paulo : Ática, 2007.
136p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-10775-9

1. Atlântida – Literatura infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Moon, Fábio, 1976-. II. Bá, Gabriel, 1976-. III. Título. IV. Série.

06-3869.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 10775-9

CL: 735259

CAE: 210797

2019

1ª edição

12ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2007

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoileitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Um crime e um grande enigma

Há milhares de anos, um lugar habitado por uma civilização muito desenvolvida afundou no mar e desapareceu para sempre. O filósofo Platão foi o primeiro a citar essa história, há mais de dois mil e quinhentos anos. E desde então o mito de Atlântida tem atravessado os séculos, permanecendo até hoje como um dos maiores enigmas de todos os tempos.

Ivan e sua irmã Sofia nunca deram muita atenção para as pesquisas minuciosas de tio Fausto sobre a civilização atlante, nem mesmo no dia em que ele se encontrou com o diretor do colégio para falar sobre os Manuscritos de Éfeso — um documento valiosíssimo que provaria a existência e revelaria a localização de Atlântida. Porém, logo após essa reunião, Ivan começa a receber bilhetes ameaçadores e, poucos dias depois, o diretor é misteriosamente assassinado!

Os Manuscritos de Éfeso, desaparecidos há séculos, sempre despertaram a cobiça dos homens. E o diretor do colégio, pouco antes de ser assassinado, parecia prestes a encontrá-los...

Ivan, Sofia e tio Fausto agora têm muito o que desvendar: qual a relação da morte do diretor com os Manuscritos? Quem o teria assassinado? Seria a mesma pessoa que está enviando as mensagens ameaçadoras a Ivan? Nas próximas páginas, acompanhe as investigações desses três personagens: você vai se surpreender com uma história cheia de mistério e suspense!

Conhecendo

Luis Eduardo Matta

Luis Eduardo Matta nasceu no Rio de Janeiro, em 1974. Iniciou sua carreira literária aos 18 anos de idade, quando publicou *Conexão Beirute-Teeran*, um romance com muito suspense ambientado no Líbano, país de origem de seu pai. Em 2003, lançou *Ira implacável: indícios de uma conspiração*, uma trama de espionagem sobre uma grande intriga terrorista tendo o Brasil e o Oriente Médio como cenários. Em 2005, publicou *120 horas*, um romance de ação e suspense em que a morte de um físico brasileiro, envolvido no programa nuclear da Síria, é o estopim para uma série de acontecimentos macabros.

O escritor também se dedica à redação de artigos e ensaios, que publica em *sites*, jornais e revistas especializadas, e em que defende uma literatura adulta sem pretensões

intelectuais, destinada ao entretenimento, com muita ação e suspense. Apaixonado desde o início da adolescência pelos romances de espionagem, em seus livros Luis Eduardo sempre procura garantir o interesse do leitor com tramas bem entrelaçadas, repletas de reviravoltas. E aos seus enredos cheios de surpresas alia exaustivas pesquisas sobre o tema que pretende desenvolver, levando assim aquele “algo a mais” aos seus leitores.

Seguindo essa mesma linha, o autor passou meses estudando o mito de Atlântida para compor o enredo deste livro — seu primeiro destinado ao público juvenil. E, ao aliar esse grande enigma da humanidade ao misterioso assassinato de um diretor de escola, conseguiu elaborar uma trama eletrizante, que prende a atenção dos leitores do primeiro ao último capítulo.



© Marco Rodrigues

Sumário

1. <i>Um cadáver na hora do recreio</i>	7
2. <i>A história definitiva da civilização</i>	12
3. <i>Os Manuscritos de Éfeso</i>	17
4. <i>Na casa da prima megera</i>	30
5. <i>Oração para o mestre</i>	37
6. <i>Hóspede ou prisioneiro?</i>	45
7. <i>Ivan tem uma ideia</i>	51
8. <i>Oito cartas de uma só vez</i>	59
9. <i>Investigação na calada da noite</i>	67
10. <i>Uma expulsão mal contada</i>	76
11. <i>A suspeita mudança do vizinho</i>	86
12. <i>O homem de capuz</i>	91
13. <i>Tensão na garagem</i>	99
14. <i>Embarque para Atenas</i>	105
15. <i>A mirabolante história de um crime</i>	121

1 **UM CADÁVER NA HORA DO RECREIO**

Era a última segunda-feira de março e o sol brilhava forte sobre a manhã quente e abafada do Rio de Janeiro. No Colégio Educandário Dois Irmãos, na rua Marquês de São Vicente, bairro da Gávea, Ivan foi o último da turma a descer para o recreio e, quando chegou, o pátio já estava cheio e o vozerio animado dos colegas se espalhava por toda parte.

Ivan tinha catorze anos e estudava no nono ano. Sua irmã, Sofia, era quase dois anos mais nova e cursava o oitavo. Eles aproveitavam a hora do recreio para se sentar sob a copa frondosa da amendoeira que ficava bem no centro do pátio e conversar com os amigos, enquanto comiam o lanche preparado por tio Fausto, com quem eles moravam. Era uma boa maneira de enganar o estômago até a hora do almoço. Mas naquela manhã o garoto não estava com fome. Ele nem sequer se dera ao trabalho de apanhar o lanche na mochila. Sofia, que sabia muito bem o que estava acontecendo, terminou de mastigar um pedaço do seu sanduíche e perguntou:

— A que horas você marcou com o diretor?

Ivan mordeu os lábios:

— Às dez e quinze. Faltam cinco minutos. Estou aflito. Por mim, teria falado com ele mais cedo, antes de subir para a primeira aula. Só que seu Moacir só aparece na escola por volta das nove, nove e meia. Dizem que há anos o diretor cumpre com rigor o mesmo ritual, que já virou até um folclore. Ele chega, senta-se à mesa do seu gabinete, faz uma longa oração, come alguma coisa que o secretário dele, Geraldo, prepara na copa e só depois é que começa a trabalhar.

— Você encontrou mais um daqueles bilhetes hoje embaixo da sua carteira? — indagou Sofia, após um breve silêncio.

Ivan fez que sim com a cabeça.

— Posso ver?

Ele olhou para os lados a fim de se certificar de que ninguém estava vendo e, disfarçadamente, puxou o papel dobrado de um dos bolsos da calça, passando-o para Sofia. Ela abriu e leu o texto, impresso em letras grandes de computador:

SUMA DAQUI PARA SEMPRE E FIQUE CALADO
OU IRÁ SE ARREPENDER!

Sofia estremeceu por dentro. Dobrou novamente a folha e a devolveu ao irmão.

— Há quanto tempo estão te mandando essas ameaças?

— Desde quarta-feira passada. Por coincidência, um dia depois que o tio Fausto esteve aqui para se encontrar com o diretor. É isso que está me deixando preocupado e é principalmente por esse motivo que eu quero muito falar com o seu Moacir. Por que alguém iria me escrever essas coisas horríveis, assim, de uma hora para outra? Será que tem alguma relação com a visita que o nosso tio fez a ele?

Sofia achava que não. Só um gênio conseguiria entender a conversa maluca e sem pé nem cabeça que o tio Fausto tivera com o diretor. Isto, é claro, se alguém tivesse como escutá-la, já que o encontro acontecera a portas fechadas no gabinete de seu Moacir, depois do fim do turno da manhã. Sofia e Ivan foram praticamente arrastados para lá pelo tio, que jurara que a conversa não iria durar mais que “cinco minutinhos”. Mas os dois acabaram ficando quase uma hora aboletados no pequeno sofá do gabinete, enquanto tio Fausto e seu Moacir tagarelavam, entusiasmados, sobre alguns assuntos mirabolantes, meio difíceis de compreender. Até em grego eles conversaram! Sofia forçou a memória e se lembrou do tio interessadíssimo em saber detalhes de uma viagem que o diretor tinha acabado de fazer à Grécia. Lembrou-se também de que eles mencionaram várias vezes o nome de um filósofo

que viveu muitos anos antes de Cristo e, em especial, uns tais manuscritos antigos, perdidos há muitos séculos, sobre os quais o seu tio já havia falado antes, embora nem ela nem Ivan, como sempre, tivessem prestado muita atenção. No fim da reunião, seu Moacir dera um CD de presente a tio Fausto, que só poderia ser usado num computador e que deveria ser guardado “com muito cuidado”.

— Para mim, esses bilhetes não passam de uma brincadeira sem graça de alguém querendo te assustar — disse Sofia. — De qualquer maneira, por que você não pergunta diretamente ao seu Moacir o que ele e o tio Fausto tanto conversaram?

— É uma boa ideia. Vou fazer isso. Nem que seja só para ter certeza de que o encontro dos dois nada tem a ver com essas ameaças — Ivan olhou o relógio e se levantou. — Bem, está na hora. Deseje-me sorte.

Sofia se levantou também.

— Eu vou com você, para dar uma força.

A hora do recreio transcorria na mais absoluta normalidade. À direita do pátio, perto do acesso para as salas do jardim de infância, estava o grupinho de meninas fofoqueiras do oitavo ano, lideradas pela abominável Lorena, que orgulhosamente se autodenominava “a patricinha número um da Gávea”. Esse grupo gastava o tempo praticando seus esportes favoritos: falar mal dos outros e esnober os garotos que, eventualmente, aproximavam-se para puxar um papo. Do lado oposto, os trogloditas: Otto, que estudava na sala de Ivan, e Vinícius, do primeiro ano do ensino médio. Os dois começavam mais uma vez a brincadeira estúpida de um jogar o outro contra a parede e, em seguida, brigar para ver quem era o mais ágil e forte. Isso acontecia desde o início do ano letivo, pelo menos duas vezes por semana, a ponto de já terem sido apelidados pelos colegas de “Troglô” e “Dita”. Não demoraria para que dona Dilma, a coordenadora da manhã, aparecesse esbaforida no pátio para separá-los e levá-los até

a sua sala, onde lhes passaria o mesmo longo sermão de sempre, que, no fim das contas, de nada adiantaria.

Ivan e Sofia saíram do pátio e seguiram pelo corredor que levava à diretoria. O local estava vazio e silencioso, bem diferente da algazarra que quase fazia tremer o chão do lado de fora. Eles se aproximaram da porta dupla que dava para a sala onde trabalhava Geraldo, o secretário calvo e corpulento do diretor, e esticaram a cabeça para dentro.

— Será que o seu Moacir pode me atender agora? — perguntou Ivan.

Sentado à sua mesa, Geraldo sorriu e fez um gesto com a mão para eles entrarem.

— Você chegou na hora certa. O senhor Moacir já deve ter terminado de lanchar — ele se levantou apontando para um sofá encostado na parede. — Sentem-se aí e esperem, enquanto eu vou lá falar com ele. Qual é mesmo o seu nome?

— Ivan Seabra. Sou aluno do nono ano.

Geraldo deu duas batidinhas de leve na porta e logo entrou no gabinete do diretor. A porta nem bem havia se fechado, e Ivan e Sofia ouviram a voz grossa do secretário soltando um grito pavoroso, um grito de horror. Os dois se levantaram num pulo quando o viram saindo de lá agitado, com o rosto pálido e os olhos esbugalhados.

— O que aconteceu? — perguntou Ivan, sem entender nada.

— O senhor Moacir — respondeu Geraldo, trêmulo feito geleia. — Ele está... ele está caído no chão... Desmaiado. Ai, meu Deus! Acho que ele teve um treco!

Mais apavorados do que qualquer outra coisa, Ivan e Sofia correram para dentro da sala e encontraram seu Moacir estatelado no chão atrás da escrivaninha, de barriga para o chão, o rosto virado para o lado, a boca e os olhos entreabertos e imóveis. O braço direito estava esticado para a frente e a mão segurava uma pera apetitosa e avermelhada, mordida num dos lados. O resto do lanche, acomodado numa bandeja sobre a mesa, estava praticamente intocado.



Ivan e Sofia correram para dentro da sala e encontraram seu Moacir estatelado no chão.

A ambulância chegou em quinze minutos. Ivan e Sofia ouviram o médico dizer a Geraldo que Moacir Portela, dono e diretor do Colégio Educandário Dois Irmãos, estava morto. E que, provavelmente, a pera que ele havia comido tinha sido envenenada.

Por ordem da coordenadoria, as aulas naquele dia foram interrompidas e os alunos, liberados. Em estado de choque, Ivan e Sofia saíram da escola e foram para casa a pé. “Que horror... Alguém envenenou o seu Moacir!”, não paravam de pensar. Ivan puxou o papel com a mensagem ameaçadora do bolso e olhou para Sofia. A visita de tio Fausto, semana passada, aqueles bilhetes que começaram a chegar de repente e agora a morte misteriosa do diretor... Em silêncio, eles concordaram que coisas estranhas estavam realmente acontecendo. Era hora de o tio Fausto prestar alguns esclarecimentos.

2 **A HISTÓRIA DEFINITIVA DA CIVILIZAÇÃO**

O trajeto entre a escola e a casa era curto. Ainda sob a sombra das árvores da rua das Acácias, antes de dobrarem a esquina, Ivan e Sofia já podiam ouvir a voz inconfundível do tio Fausto. Ele devia estar num daqueles momentos de empolgação no meio do trabalho, quando parava um pouco de escrever para recitar textos e versos em voz alta. Em geral, em algum dos muitos idiomas estranhos que conhecia: latim, grego clássico, copta, aramaico, tupi-guarani... Eram estranhos porque há séculos não eram falados em nenhum

país. Eram línguas antigas, pertencentes a povos antigos, e que não tinham nenhuma função prática no mundo de hoje.

Mas tio Fausto não pensava assim. Ele não só era louco por essas línguas, como afirmava que elas o ajudaram muito no seu grande projeto de vida: escrever *A história definitiva da civilização*. Era um livro enorme, de milhares de páginas, no qual tio Fausto estava trabalhando havia anos e que pretendia dar uma versão final e inquestionável sobre tudo que fosse relativo à origem e à evolução da humanidade, descrevendo em minúcias todos os momentos históricos, como eles aconteceram realmente.

A casa onde eles moravam, na rua dos Oitis, ficava perto da esquina. Era uma construção espaçosa e acolhedora, de dois andares, que precisava de algumas pequenas reformas, além de estar sempre meio bagunçada. Ivan e Sofia se mudaram para lá ainda pequenos, logo depois que seus pais, Cristóvão e Verônica, desapareceram, dez anos atrás, durante uma expedição ao Monte Everest, a montanha mais alta do mundo.

Tio Fausto, hoje com quarenta e sete anos, era o único irmão de Cristóvão e, na época, estava começando a escrever as primeiras linhas de *A história definitiva da civilização*, graças a uma bolsa obtida em uma instituição privada de amparo à pesquisa, a Fundação Guaporé, criada pelo seu avô e dirigida pelo professor Valverde, que foi o seu orientador na dissertação de mestrado em História Antiga e Medieval (só mesmo esse motivo para explicar o patrocínio da instituição para uma pesquisa que se estendia havia tanto tempo). Para acomodar os sobrinhos, o tio fez uma rápida reforma em sua casa, dividindo em dois um quarto enorme no segundo andar. Esse imóvel, herança dos avós de tio Fausto, sempre fora objeto de cobiça de sua prima milionária, Carola Altieri, uma megera megalomaniaca que sonhava em expulsar todos de lá para derrubar o sobrado e construir, no lugar, um edifício de alto luxo para ricos.